

A trajetória dos primeiros imigrantes italianos na Microrregião de Aimorés – um registro da memória dos seus descendentes.

Sandra Nicoli¹
Sueli Siqueira²
Mauro Augusto dos Santos³

Resumo

A imigração europeia em grande escala teve início, no Brasil, na segunda metade do século XIX. A maioria desses imigrantes se dirigiu para a região Sudeste. Neste contexto, a Microrregião de Aimorés, localizada no estado de Minas Gerais, recebeu, no início do século XX, muitas famílias italianas. A chegada desses imigrantes à região aconteceu no início do século XX, promovendo uma nova configuração nesse território. O objetivo deste trabalho é analisar a trajetória e a inserção dos primeiros imigrantes italianos na Microrregião de Aimorés a partir da memória dos seus descendentes. A pesquisa é de cunho qualitativo, utilizando relatos orais.

Palavras-Chave: Território, memória, imigração italiana, Minas Gerais.

Área temática: Demografia

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE.

² Professora do Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE. Doutora em Sociologia e Política.

³ Professor do Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE. Doutor em Demografia.

Introdução

As migrações internas e internacionais sempre foram um elemento essencial para se compreender a formação das sociedades e das identidades culturais. O fenômeno migratório não é um fenômeno recente, e os deslocamentos de populações sempre existiram na história da humanidade e cumprem um importante papel na história do Brasil desde a época de seu descobrimento. Ao longo de vários séculos aqui chegaram os colonizadores portugueses, os africanos (imigração forçada), os italianos, os espanhóis, os alemães, os asiáticos, entre outros que, juntamente com os nativos, contribuíram para a formação da população e da cultura brasileira.

Depois de vários séculos como ponto de chegada, o Brasil torna-se um país de emigração. O ponto inicial desse fenômeno é a Microrregião de Governador Valadares onde na década de 1960 inicia o fenômeno que se avoluma e espalha por várias outras regiões na segunda metade dos anos de 1980 (SIQUEIRA, 2009). Próximo a essa localidade encontra-se a Microrregião de Aimorés que também, nesse período, vivencia o movimento emigratório de sua população, contudo, com um diferencial – os emigrantes são descendentes de italianos que, de posse da cidadania italiana, emigram para os Estados Unidos ou para a Itália.

As marcas da presença italiana na Microrregião de Aimorés, principalmente nos municípios de Resplendor, Santa Rita do Itueto, Itueta e Aimorés são significativas. Os descendentes de italianos que desbravaram essa região trouxeram consigo todo modo de ser que se perpetua até os dias de hoje quando dizem “*nós descendentes e os brasileiros*”⁴.

A chegada dos primeiros descendentes à localidade data de 1920, vindos do estado do Espírito Santo. Este artigo trabalha com parte dos dados de uma pesquisa mais ampla que visa descrever a trajetória migratória dos italianos que chegaram ao Brasil no final do século XIX e a emigração de seus descendentes para Itália, no século XXI. Contudo, realçamos que o presente artigo tem como objetivo principal descrever, através da memória dos descendentes mais velhos, o percurso migratório dos seus antepassados para a Microrregião de Aimorés, especificamente para os municípios de Aimorés, Itueta, Resplendor e Santa Rita do Itueto. Os dados apresentados foram baseados em treze relatos orais colhidos com descendentes de italianos na Microrregião de Aimorés.

Na primeira parte do artigo é contextualizada a imigração italiana para o Brasil no final do século XIX em seguida descrito o percurso dos italianos que se instalaram na Microrregião de Aimorés.

A Imigração Italiana no Brasil

No contexto da colonização, visando à apropriação militar e econômica da terra, os portugueses, nossos colonizadores, tiveram destaque na chegada de imigrantes no território. A história da imigração no Brasil inicia-se com esses europeus. Esta corrente migratória se diferencia das demais pela sua longevidade e pelo menor retorno de seus imigrantes à terra natal.

O início da produção agrícola em grande escala no Brasil deu origem à imigração forçada dos africanos. Com o tráfico negreiro, cerca de três milhões de africanos foram introduzidos no país no período entre 1550 e 1850. Essa migração caracterizou uma fase do desenvolvimento econômico baseada na monocultura agrícola e seguida pela mineração do ouro. Estes africanos eram a força que movia as lavouras e as minas (CAMARGO, 1981).

⁴ Expressão comum que pode ser ouvida entre os moradores descendentes de italianos na região.

Devido a pressões internacionais, principalmente por parte da Inglaterra, o tráfico negreiro, que supria as necessidades de mão-de-obra no Brasil com a importação de escravos da África, foi proibido a partir de 1850. Como consequência, houve a diminuição da mão-de-obra disponível nas regiões em que se expandia a cultura do café. Além disso, uma grande parte do território geográfico brasileiro ainda estava inexplorada e o país, além de necessitar de mão-de-obra para o trabalho na lavoura cafeeira, necessitava também de pessoas para povoar estas terras.

Neste contexto, na segunda metade do século XIX, se inicia a imigração européia em grande escala – principalmente a italiana (LEVY, 1974) –, financiada pelos estados onde se situavam as grandes lavouras. No período entre 1880 e 1903, ingressaram aproximadamente 1.850.985 imigrantes europeus no país. No início do século XX, com a crise cafeeira e a proibição da emigração⁵ por parte do Estado Italiano, devido às péssimas condições de trabalho encontradas pelos imigrantes no Brasil, ocorreu uma drástica diminuição da entrada dos imigrantes italianos no Brasil (CAMARGO, 1981).

O movimento de migração em massa na Itália iniciou por volta da década de 1860, quando os italianos se mudavam para outros países europeus. Uma década depois, eles começaram a migrar para o continente Americano, principalmente para os Estados Unidos, Argentina e Brasil.

Várias foram às razões para que os italianos deixassem sua pátria, entre elas a situação em que se encontrava o país depois de um longo período de lutas pela unificação. Ao final dessas guerras de unificação, a Itália encontrava-se debilitada economicamente. O país apresentava um alto índice de desemprego – agravado pela alta taxa de crescimento populacional – e uma população rural empobrecida, que tinha dificuldades para sobreviver nas pequenas propriedades que possuíam ou nas quais trabalhavam (TRENTO, 1989).

Dadalto (2009) discorre sobre o contexto da Itália nos anos de 1870. Segundo a autora, era um contexto de decisão para um grande número de italianos: ficar no país ou partir para, apesar dos riscos e da precariedade, salvar-se em outro país. No sonho coletivo, a possibilidade de partir, de fundar uma nova vida, era uma tentativa de estabelecer uma continuidade em outro continente, de ter algo sólido em que apoiar o futuro.

Descrevendo os acontecimentos que impulsionaram os italianos a emigrarem para o Brasil, Trento (1989, p. 30) conclui que foi “*a miséria a verdadeira causa da emigração transoceânica entre 1880 e a Primeira Guerra Mundial*”. Assim, a imigração era uma questão de sobrevivência para as famílias italianas. A depressão agrícola que provocou a falta de alimentos também contribuiu para a falta de dinheiro e o aumento dos impostos. A opção pela imigração era mais atraente que continuar Itália.

Dadalto (2009) ressalta que, ao emigrar, os italianos deixaram um país recém unificado e pobre, destituído de uma identidade nacional legitimada por um Estado Nacional; eram vênets, sicilianos, calabreses, trentinos entre outros. O contexto de mudanças, de fragilidade, e de pobreza vivenciado ganhara tal proporção, que a perspectiva de deixar seu país de origem e tudo o que significava este distanciamento perdia relevância diante da possibilidade de realizar uma nova vida na América.

Outro fator importante que direcionou o fluxo de imigrantes italianos para o Brasil, foi a criação de barreiras imigratórias pelo maior receptor de imigrantes, os Estados Unidos, o que dificultou a entrada de imigrantes europeus neste país. A crise vivida na Itália e a ideia de que o Novo Mundo poderia proporcionar uma vida melhor motivaram muitos a aventurarem-se nas Américas (BONI, 1990).

⁵ O Decreto Prinetti proibia a emigração gratuita para o Brasil. São Paulo e os Estados do Sul financiavam o processo de imigração dos trabalhadores europeus, principalmente italianos.

Boni (1990) também destaca que a imigração europeia, além de marcar a vida civil e política do país, significou muito para o Brasil, em termos de crescimento demográfico, desenvolvimento econômico, agrícola e industrial.

As regiões brasileiras do Sul e Sudeste foram as maiores receptoras de imigrantes italianos. No sul, a corrente migratória foi notória devido à concentração dos imigrantes em colônias com uma produção agrícola expressiva. A região Sudeste teve um grande destaque em relação a esta imigração e foi a que recebeu a maior parte dos imigrantes, devido, principalmente, ao processo de expansão das lavouras cafeeiras no Estado de São Paulo. Entre os quatro Estados desta região, Minas Gerais tornou-se um dos maiores núcleos da colonização italiana no Brasil (TRENTO, 1989).

Diferentemente dos três Estados vizinhos que recebiam os italianos em seus portos marítimos, Minas Gerais foi o último destino destes imigrantes, provavelmente devido a sua posição geográfica. Os imigrantes italianos, que se destinaram para Minas, em sua maioria, já possuíam experiência imigratória em um dos outros três Estados da região Sudeste. Várias foram as propagandas realizadas para atrair os imigrantes para Minas Gerais, em especial, os italianos. Monteiro (1994) afirma que o período que vai do início da República até a Revolução de 1930 é o de maior significado para a imigração e colonização em Minas Gerais. No estado mineiro, diversos foram os destinos destes imigrantes, sendo possível destacar algumas localidades como: Aimorés, Belo Horizonte, Itueta, Juiz de Fora, Machado, Poços de Caldas, Resplendor, Santa Rita do Itueto e São João Del Rey.

Monteiro (1994) também destaca que foi a corrente italiana a que mais se impôs em Minas. Embora houvesse imigrantes de outras origens europeias – como portuguesa, alemã e francesa – a escolha do agricultor mineiro recaía sobre o italiano, principalmente o da Alta Itália, devido a sua mais fácil adaptação aos costumes do país. Os italianos eram considerados excelentes trabalhadores, acomodando-se com relativa facilidade ao sistema de meação ou parceria⁶. O italiano era não só útil como mão-de-obra, mas atendia também como elemento colonizador.

É preciso destacar que levadas expressivas de imigrantes italianos desembarcaram no porto de Vitória, capital do Espírito Santo, no final do século XIX e início do XX, sendo direcionadas ao interior desse estado, que abriga uma das maiores colônias italianas do Brasil. Estes imigrantes enfrentaram a mata virgem e foram abandonados num lugar desconhecido e inexplorado. Ali sofreram com a adaptação ao clima e à alimentação, enfrentaram animais selvagens, desbravaram e colonizaram os locais a eles destinados. Plantaram, colheram, construíram suas casas e criaram as suas numerosas famílias. Em poucos anos já era possível perceber o crescimento populacional e o desenvolvimento das localidades onde havia a presença desses imigrantes italianos e de seus descendentes.

Muitos imigrantes e seus descendentes que foram para a região de Alfredo Chaves, no Estado do Espírito Santo – em sua maioria oriundos do Norte da Itália –, diante de um cenário local de estagnação econômica e impossibilitados de garantir o sustento de suas famílias a partir da pequena propriedade familiar, optaram por migrar para outras localidades. Os destinos mais procurados foram à região de Castelo, interior do Espírito Santo, que estava em plena fase de povoamento e desenvolvimento, e as terras mineiras, localizadas próximas à divisa dos dois Estados.

Biasutti *et al* (2003) comenta sobre esta leva de imigrantes italianos que foram para Minas Gerais. Segundo o autor, não apenas pelo porto do Rio de Janeiro chegaram os imigrantes italianos, levadas expressivas também aportaram em Santos-SP e outra numerosa

⁶ O sistema de meação é quando a metade da produção é dividida entre o proprietário da terra e o colono (meeiro). O sistema de parceria é aquele em que as partes são divididas diferentemente entre o proprietário e o colono.

aportou em Vitória-ES, tendo depois de um determinado tempo subido pelo Vale do Rio Doce.

Diferentemente das regiões do Espírito Santo em que os imigrantes italianos foram instalados, o Vale do Rio Doce, no início do século passado, via sua paisagem sendo modificada com a abertura da floresta para a construção e fornecimento de carvão para a Estrada de Ferro Vitória-Minas, que em 1942 passou a ser administrada pela Companhia Vale do Rio Doce⁷ - CVRD.

Como era essa região antes da chegada dos imigrantes italianos? Espindola (2005, p. 311) a descreve como “*um território com espessa cobertura florestal, habitado por índios pouco conhecidos e mal-afamados, com alto grau de insalubridade, com rios de difícil navegação, com geografia desconhecida*”. Essa região fazia fronteira com outras densamente povoadas e conhecidas, como a região mineradora e o litoral espírito-santense.

Em 1907 os trilhos da ferrovia chegam à localidade de Aimorés⁸ e em 1910 à atual cidade de Governador Valadares, ambas no Estado de Minas Gerais. No percurso da ferrovia, que corta os Estados brasileiros de Minas e Espírito Santo, vários povoados nasceram ou se desenvolveram, entre eles, várias localidades da Microrregião de Aimorés, que teve boa parte de sua extensão geográfica cortada pela ferrovia.

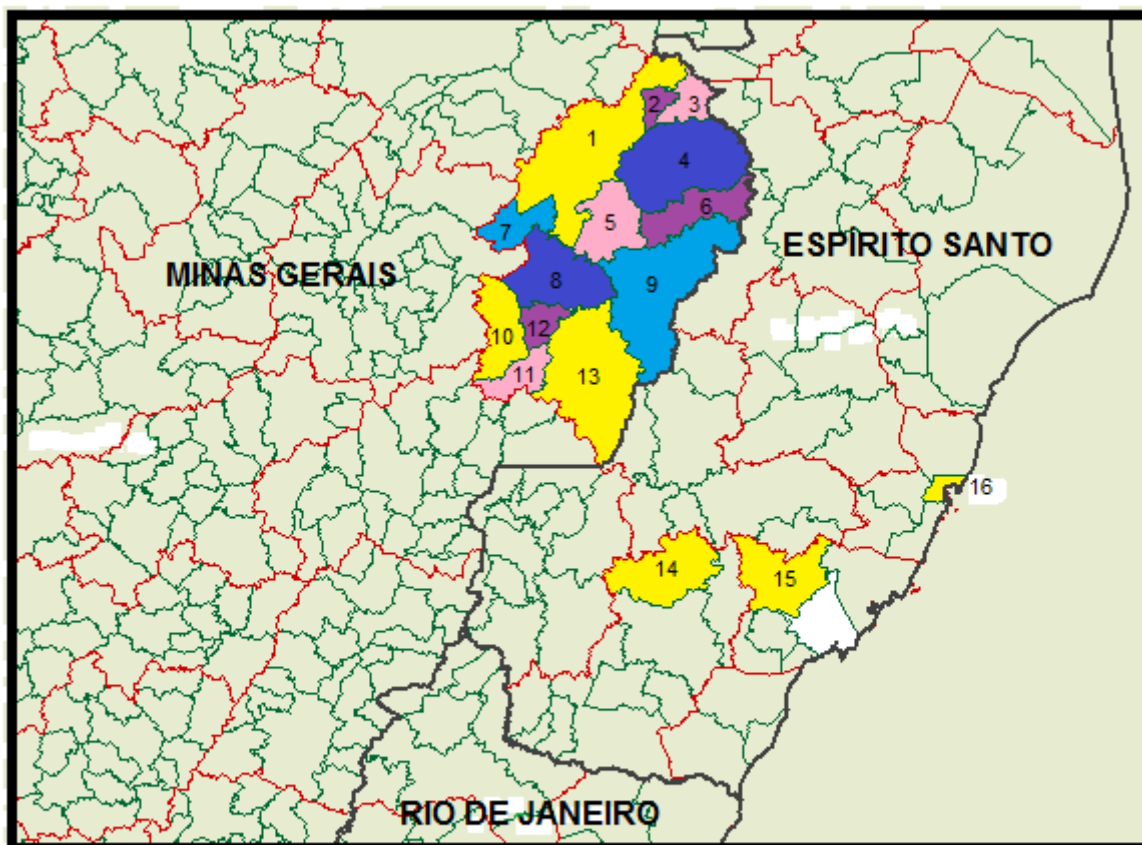
O caminho dos imigrantes nas Minas Gerais

A mesorregião mineira do Vale do Rio Doce é dividida em sete microrregiões, entre elas a Microrregião de Aimorés, como pode ser observada no mapa a seguir. Mais especificamente, os municípios de Aimorés, Itueta, Resplendor e Santa Rita do Itueto foram pontos de chegada de imigrantes italianos e descendentes oriundos do Norte da Itália vindos, principalmente, das localidades de Alfredo Chaves e Castelo, no Espírito Santo. A chegada à região desses primeiros imigrantes aconteceu no início do século XX, promovendo uma nova configuração desse território, inserindo novas técnicas de manejo da terra, novos costumes e valores.

Mapa da Microrregião de Aimorés – MG

⁷ Atual Vale – empresa brasileira líder mundial na produção de minério de ferro.

⁸ Na época conhecida como Natividade, se situa na divisa do Estado de Minas Gerais com Espírito Santo.



Elaboração própria. Fonte básica de dados cartográficos: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).
 Relação de municípios destacados: 1. Conselheiro Pena; 2. Goiabeira; 3. Cuparaque; 4. Resplendor; 5. Santa Rita do Itueto; 6. Itueta; 7. Alvarenga; 8. Pocrane; 9. Aimorés; 10. Ipanema; 11. Conceição de Ipanema; 12. Taparubá; 13. Mutum; 14. Castelo; 15. Alfredo Chaves; 16. Vitória

A Mesorregião do Vale do Rio Doce participou do movimento de imigração de europeus mais tardiamente, quando o interesse governamental pelo povoamento desta região abriu caminho aos colonos fixados nas áreas montanhosas do Espírito Santo. No início da década de 1920 começam a desembarcar nas estações ferroviárias de Aimorés e Resplendor diversas famílias italianas. Com elas desembarcam, além de pequenas bagagens essenciais para a sobrevivência, os sentimentos de insegurança, esperança e sonhos nesta nova vida de imigrantes em território desconhecido.

Neste território, os imigrantes italianos e seus descendentes tiveram destaque nos aspectos econômicos, culturais e políticos. O município de Aimorés é o maior dentre os quatro municípios estudados em extensão territorial, e recebeu imigrantes italianos e descendentes tanto na sua área rural quanto urbana. Já o município de Itueta, que foi desmembrado dos municípios de Aimorés e Resplendor, recebeu uma significativa leva de imigrantes italianos e descendentes na parte sul do seu território. A parte norte do município foi colonizada por imigrantes alemães.

Os imigrantes que se fixaram em Resplendor, em sua maioria, se dedicaram ao comércio e posteriormente ao serviço público. Já o município de Santa Rita do Itueto, situado na parte mais alta da Microrregião, se diferencia dos demais em relação ao clima, que é mais ameno e propício para o plantio do café. Sua extensão territorial não foi cortada pela ferrovia e foi o município que teve maior concentração de imigrantes italianos.

Os italianos e seus descendentes enfrentaram grandes dificuldades para se instalarem na Microrregião de Aimorés. Segundo os relatos dos descendentes mais velhos, seus pais e avós

sempre contavam como foi difícil a chegada e instalação nesse local que era ainda coberto pela Mata Atlântica.

“... A vinda pra cá naquela época era bem difícil, porque trem de ferro naquela época era tocado à lenha, cê lembra?(...) É Maria Fumaça é. Era demorado vim de lá aqui. Eles levaram dois dia, da onde eles morava pra vim pra Castelo pra, pra naquela época o trem seria até em Castelo [...] Eles pegava o trem de ferro pra Vitória, e vieram. Eles venderam tudo, os trem que tinha, eles só trouxeram os menino e uma bagagemzinha pouca [...] porque era longe de Itueta pra vim onde ele morou aqui. Onde ele comprou, era quase mata pura, estrada ruim.(...) o papai pregando, acabando de pregar as tabinhas nem fez conta. A mamãe chorando. O Antenor [irmão mais velho] chorando querendo voltar pra Castelo. [...] Saí de um lugar santo pra vim pra um lugar desse, no meio de uma mata [...]”. (Descendente de italiano, 81 anos, Itueta/MG)

Muitos deles enfrentaram a mata e os animais selvagens, pois se instalaram na zona rural dos pequenos vilarejos, além da falta de mínimas condições de infra-estrutura. Os alimentos que consumiam e tratavam os animais eram produzidos por eles mesmos. Alguns chegaram à região e compraram pequenas propriedades, outros trabalharam como meeiros em terras de familiares ou conhecidos e mais tarde adquiriram o seu próprio pedaço de terra. Eles derrubaram a mata para a construção de suas casas, dos currais e galpões para armazenarem os produtos colhidos e também para a formação das lavouras de café, milho, feijão, arroz entre outros. As famílias que chegaram à região após a instalação dos primeiros imigrantes italianos receberam ajuda através de mutirões.

“... o papai conta que ali bateu a mudança. Ali no outro dia, no domingo de manhã, eles subiram a pé ali, aquela serra ali, num é a estrada onde é hoje, é cá no picoto pro lado do Gandão cá, vieram cá, deu tanta sorte que vieram cá e a roçada tava seca né, já tinha feito os acervos pra poder entrar na mata. Aí esse primo Nico juntô mais gente, vieram mais gente e botaram fogo na, na roçada, que era pra prantá milho, feijão, arroz, naquela, naquela varge ali (...) Naquela baixa ali, eles queimaram e voltaram para traz. Naquela noite choveu. Já pensou que sorte que eles deram? Choveu pra valer, choveu pra prantar. Então na segunda-feira era pra eles vim de mudança pra li, os burro trazer as mudancinha deles pra li, mais invés de eles fazerem a mudança eles aproveitaram. Esse primo Nico arrumou muita gente e falou: “vamos prantar o milho!”[...] Na mudança! A semente de milho, feijão tudo que vinha de prantar, aí na segunda-feira juntou muita gente e vieram e prantaram, prantô o milho, prantou feijão, prantou o arroz, prantou tudo, como foi muita gente. Na terça-feira botou a mudança nos burrim lá, outra vez, e subiu a serra. Largô a mudança ali. (...) segundo eles conta: que eu num era nem nascido na época. (Descendente de italiano, 81 anos, Itueta/MG)

Aos poucos, e com toda a família trabalhando na propriedade, os descendentes de italianos começaram a adquirir mais terras e cabeças de gado para melhorar a renda familiar. É importante ressaltar que a produção era familiar e todos os homens, mulheres e crianças com mais de seis anos de idade, trabalhavam arduamente na propriedade familiar. Assim, foram ampliando seu patrimônio e se tornaram importantes produtores da região, com destaque, até os dias atuais, para a produção de café e criação de gado de corte e leiteiro.

“Ah, eu trabalhava demais na roça. Com seis anos meu pai botava a gente na enxada. Tinha, tinha que, que, trabalhava a semana inteira, quando chegava sábado e domingo a gente tinha que lavar roupa pra segunda-feira. E costurava o domingo. Ajudava é ... todo o serviço que num podia fazer na semana tinha que ser feito no domingo, a gente não tinha folga pra nada. Assim com seis anos a gente fazia comida, colocava no fogão assim, um caixote pra gente alcançar, é foi muito sofrido. Eu puxava enxada o dia inteiro, eu tinha muita dor nas costas, sofri demais na roça”. (Descendente de italiano, 55 anos, Resplendor/MG)

“Nóis trabalhava. E o nosso pai não botô nós na escola. [...] Ele queria que a gente trabalhasse. Nós eram em quatro, irmãs. Todas as quatro trabalhava. Ficava um. Que cuidava de todo o serviço. E a mais pequena ficava em casa” (Descendente de italiano, 73 anos, Itueta/MG)

“É. E o resto ia para a enxada. Pra enxada. O dia inteiro. Capinar café, dirigiçar café, panhar café, tudo. É, a vida era apertada [...] Trabalhava todo mundo. Todo mundo trabalhava. Era mulher, homem, mulher casada, tudo ia para a roça”. (Descendente de italiano, 81 anos, Itueta/MG).

“Mas ela (a mãe) não tinha tempo. Ela não tinha um filho a cada ano? E era, tinha um monte de serviço, como é que ela fazia? Não tinha tempo pra ensinar. Bem que ela tinha vontade de ensinar, mas não dava tempo. Ela costurava para eles. Ela lavava pra eles. Cozinhas. Zelava de todos nós. E ainda trabalhava na roça. Então como é que fazia né? Foi uma vida... que vida! Foi uma luta feia.” (Descendente de italiano, 73 anos, Itueta/MG)

Segundo Bassanezi (1995), esta corrente imigratória de italianos no Brasil revelou especificidades: a imigração familiar foi mais volumosa que nos demais países receptores e a região do Vêneto, na Itália, foi a que mais forneceu imigrantes.

Estudando a imigração italiana no Rio Grande do Sul, Zanini (2010) descreve que eram migrações familiares, composta por católicos em sua maioria, provenientes do Norte da Itália e predominantemente de camponeses pobres. A Região de Aimorés, Itueta, Resplendor e Santa Rita do Itueto –MG, também seguiu esse mesmo padrão.

Como destaca Dadalto (2009), os imigrantes italianos carregavam seu estilo de vida, costumes, gostos, hábitos, religião e valores. Nos municípios que se instalaram na Microrregião de Aimorés, os imigrantes e seus descendentes expressaram sua fé e devoção construindo diversas capelas em homenagem aos santos e santas da Igreja Católica. Aos domingos, as famílias se reuniam para rezarem o terço e a ladainha a Nossa Senhora. As mulheres eram responsáveis por todo o momento de oração. As festividades dos padroeiros eram comemoradas por todos e, fora os domingos, eram os únicos dias em que as famílias não trabalhavam na terra ou no comércio. Havia comidas típicas, danças e cantos italianos. Era um momento de encontro entre as famílias italianas e havia muita alegria. Outros importantes momentos de lazer eram os bailes.

“A festa que eles fazia, mais é de italiano aí nas época. Naquelas época, vamos dizer na comida, as comida que eles põe, num era negócio de churrasco, cerveja, esses trem. Era, era a bebida alcoólica e o vinho, vinho e alguma cachaça ou outras bebida quente, e a comida era um feijão, eles falava tutu de feijão. Hoje, hoje eles fala feijão tropeiro, naquele tempo falava tutu de feijão. Fazia, macarrão à vontade, por exemplo, tipo comida assim, de servir mesa né, prato,

todo mundo comia no prato e mais as bebida era o vinho, um pouco de bebida alcoólica e eles cantava muito a música italiana. Cê tá entendendo? Cantava aquelas músicas na língua italiana e tocava. Tinha que uns que tocava, uns italiano véio que tocava também... (...) Tocava a Sanfona. Mais essa sanfona oito baixo, trinta baixo, sanfona pequena, não era tanto a acordeon. Acordeon de poucos anos pra cá que saiu ela. E dançar, eu vejo hoje, esse povo de hoje, ou é fraco ou num sei. Nós dançava assim: o sol cobria lá... acendia as lamparina, era lampião nas parede assim, com óleo, lampião, nós dançava das sete as sete da manhã ué.”(Descendente de italiano, 81 anos, Itueta/MG)

Com os moradores não descendentes de italianos⁹ que viviam na região, os imigrantes e seus descendentes mantiveram uma relação de respeito e amizade. Entretanto, os casamentos ocorriam entre as famílias de descendência italiana. O casamento com os brasileiros não era visto com bons olhos pelos descendentes de italianos. Até a terceira geração, poucos são os que se casaram com não descendentes e, quando isso acontecia, era motivo de discriminação. Segundo os relatos dos mais velhos, o melhor era que casassem entre os de mesma descendência, pois tinham os mesmos costumes, valores e virtudes. Atualmente, descendentes da quarta e da quinta geração parecem não possuir restrições ao casamento com não descendentes, mas ainda se referem a esses como “brasileiros”. Os casamentos entre os descendentes de italianos também eram comemorados com muita festa, comidas típicas, cantos e danças italianas até o raiar do dia.

“Mais era nossa descendência. Casamento de uma prima minha que mora em Belo Horizonte hoje, nós fez festa mesmo. O home fez uma festa, um trem de doido, sanfona é tinha uns quatro sanfoneiro bom (...) nós começamos dançar, e fomo, e era pra dançar mesmo. Num tinha negócio de namorado ficar namorando namorada lá não, o dono da casa exigia isso. Ele falava antes de começar a dançar, “fiz a festa pra todos que tão aqui são convidados”, não deixava entrar quem não fosse convidado, era o povo convidado, aí ele falava: “aqui não tem namoro, num tem cheche, é pra dançar! A dama que cansa, vai lá na cozinha, cavalheiro nenhum vai tirar dama lá na cozinha não, que tá lá tá descansando”, num tá cansada? Ficou na sala, é pra dançar! (...)Aí, aí quando deu madrugada, lá pra três (03) hora da manhã, ele deu um reforço, num deu assim, num fiz mais as mulher sozinha e os homem sozinho, deu o reforço pra todo mundo junto, espaço uns com a peneira, dando cumé pra uns e outro, um café, mais uns trem, deu uns vinho, nós tomemos uns vinho, comemos mais um pouquinho e, comemos a ripa. Rapaz, mais num foi só eu não, fui, ele pegou todo mundo de surpresa, a varanda dele é feita meio pra fora assim e, (...) Aí quando deu lá numa certa hora, fechô a casa toda, as janela toda e fechô a porta, que vai pra cozinha. Mais ficou um velho ali na porta e cada um deles ficou numa janela e falaram assim: “é proibido, o dono da casa proibiu, ninguém abrir porta e nem janela. É pra ficar na sala, é pra dançar! É proibido abrir porta e janela.” Se alguém fosse querer abrir, o veio que tava ali: “não, não é pra abrir não, não pode abri não, o dono da casa pediu pra não abrir”. Eles pego nós de surpresa rapaz, e nós oh, oh... (neste momento faz sinal com os dedos de que, dançaram pra valer). (...)Naquele tempo tinha as dança boa de dançar (...) Aquele tempo nois dançava bem ó, o xote, a valsa, a rancheira que alguém fala mazuca. (...) Era esses toque assim, que nós dançava, o xote, pro cê ter uma idéia, dançava era sempre em

⁹ Embora apenas uma pequena parte dos imigrantes tenha nascido na Itália, eles e seus descendentes se denominam italianos e atribuem aos não descendentes o adjetivo de brasileiros.

casa de assoalho, dentro de casa, (...) o dono da casa falo: “agora”, a sanfona, o italiano trata como remônica... (...) remônica, aí ele falou: “Adesso, fermi te qua remoni, fermi te qua remoni”. Quê que ele falô? Pra parar com a sanfona e “acho que chega”. Aí abriu as portas, as janela. Nós fiquemo tudo assim, que o sol bateu dentro de casa lá oh. O sol bateu na varanda lá era quase oito horas do dia ué... (risos) (Descendente de italiano, 81 anos, Itueta/MG)

“É. Fechamos tudo. As janelas, as portas né. E o sanfoneiro. (neste momento faz sinal de que o sanfoneiro tocou muito) Até o dia clarear... [...] Ah sim. Dança tinha bastante.” (Descendente de italiano, 81 anos, Itueta/MG)

“Tinha mesmo. Papai gostava de dançar. Dava a festa e ele ia na festa. Dançava a noite inteira. Lá na minha casa. [...] É... O papai gostava de uma dança... Nossa mãe! Ele gostava de uma festa. [...] Bom. Aqui em casa também já teve festas de fechar as janelas e ir até oito, nove horas dançando também”. (Descendente de italiano, 73 anos, Itueta/MG)

A foto abaixo foi tirada na sede da fazenda de um imigrante, filho de italiano, que saiu do município de Castelo-ES e chegou à Microrregião de Aimorés em 1927, com a esposa e quatro filhos, tendo, posteriormente, mais seis. A festa é de um casamento entre descendentes de italianos da terceira geração ocorrido na região de Itueta em 1969. A casa ainda continua em posse da mesma família.



Figura 2: Festa de casamento em Itueta/MG.

Fonte: Foto cedida do arquivo particular de família. Foto digitalizada em 02/09/2011.

Conforme afirma Hall (2003), a migração reconfigura tanto o território de saída como o de destino. Nesse sentido, os imigrantes trouxeram consigo seus costumes, valores, vocabulários, cantos, danças, festas e comidas típicas que foram incorporados à sociedade daquela época, sendo ainda presentes nos dias atuais.

Estes imigrantes italianos e descendentes foram motivados pela possibilidade de construir, em Minas Gerais, uma nova vida como proprietários de suas terras, já que no Espírito Santo trabalhavam nas terras dos pais. Este movimento populacional foi uma verdadeira “aventura colonizadora”¹⁰, marcada pelo trabalho árduo e a luta contra toda sorte de adversidades.

Quando chegaram à região os primeiros descendentes trouxeram suas práticas de cultivo da terra, seus valores, suas festas e sua religiosidade que foram moldadas pelas condições geográficas, climáticas e culturais. É possível perceber o cuidado e a preocupação com a preservação da terra e a manutenção da área verde, o cuidado com o “terreiro” e a organização do celeiro. Segundo os descendentes essa é uma herança que receberam de seus antepassados.

“Aquelas fazenda bem cuidada, muita lavora né? Eles são muito caprichosos, eles. É, pranta lavoura, cuida, irriga. Então, muito bem cuidada as coisas deles. [...] são muito caprichosos. É muito bem cuidado”. (Descendente de italiano, 55 anos, Resplendor/MG)



Figura3: Momentos do II Encontro da família Stefanon em 2011 - Itueta/MG
Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

A culinária é uma outra marca mantida pelos descendentes. A polenta cortada com barbante, ministrone ou minestra (sopa de arroz e feijão) são alimentos que ainda são servidos nas festas, mantendo a memória daqueles que vieram da Itália.

¹⁰ CASTIGLIONI, 1998



Figura4: Polenta cortada com barbante.
Fonte: Pesquisa de campo, 2011

Diante do que foi exposto acima levanta-se a seguinte questão: Como os emigrantes que atualmente se dirigem para a região de origem de seus antepassados – que se autodenominam “descendentes ou italianos” – se sentem ao viver na Itália? Nesse país eles se sentem como descendentes ou brasileiros? Esta é uma questão a ser respondida em outros trabalhos.

Considerações finais

A imigração europeia em grande escala para o Brasil teve início, devido ao fim do tráfico negreiro, a partir da segunda metade do século XIX e perdurou até a década de 1950 quando, devido a aceleração do processo de industrialização do país e da construção de novas vias de acesso ligando as outras regiões do país a região Sudeste, o governo brasileiro passou a voltar as suas atenções para as migrações internas. Nesse período, grandes levas de imigrantes chegaram ao Sudeste do país e foram utilizadas como mão-de-obra nas então prósperas fazendas de café. Minas Gerais, entre os quatro estados dessa região, tornou-se um dos maiores núcleos da colonização italiana do Brasil.

A Microrregião de Aimorés, localizada na mesorregião mineira do Vale Rio Doce, foi o destino escolhido por muitas famílias provenientes do norte da Itália que desembarcaram no porto de Vitória, no estado do Espírito Santo, tendo se estabelecido primeiramente nesse estado.

Este artigo teve como objetivo analisar a trajetória e a forma como os primeiros imigrantes italianos se inseriram na Microrregião de Aimorés, especificamente nos municípios de Aimorés, Itueta, Resplendor e Santa Rita do Itueto.

Utilizando-se de metodologia qualitativa – relatos orais – obtiveram-se, a partir da memória dos seus descendentes, depoimentos a cerca de como foi a chegada desses imigrantes em Minas Gerias, como ocorreu o processo de ocupação da região objeto de estudo, as dificuldades enfrentadas, bem como informações sobre como era, nessa época, a vida cotidiana dos imigrantes e de seus descendentes.

A chegada dos imigrantes italianos na Microrregião de Aimorés permitiu que se constituísse uma nova configuração desse território, com a inserção de novas técnicas de manejo da terra, novos valores e costumes. É possível concluir, através dos dados coletados até o momento, que ao persistir na memória dos descendentes a história contada pelos antepassados sobre a chegada e a inserção dos imigrantes italianos neste território, a história de vida desses perdura ao longo dos anos.

Referências Bibliográficas

- BASSANEZI, M. S. B. Imigrações Internacionais no Brasil: um panorama histórico. In: PATARRA, Neide L. (Org) **Emigração e Imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP-1995. v. 1 p. 3-35
- BIASUTTI, Luiz Carlos. LOSS, Arlindo e LOSS, Everaldo. **Roteiro dos italianos e seus descendentes em Minas Gerais - subsídios para uma história da imigração italiana**. 2003
- BONI, Luís Alberto de (Org.). **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. 2 vol.
- CAMARGO, J. F. Crescimento da população no Estado de São Paulo e seus aspectos econômicos. **Ensaio Econômico IPE-USP**, São Paulo, 14, 1981.
- CASTIGLIONI, Aurélia H. (Org.). **Imigração italiana no Espírito Santo: uma aventura colonizadora**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 1998. 315 p.
- DADALTO, Maria Cristina. **A imigração Tece a Cidade – polo industrial de Colatina**. Vitória: Cultural & Edições Tertúlia, 2009. P. 140
- ESPINDOLA, Haruf Salmen. **Sertão do Rio Doce**. Bauru: EDUSC, 2005. 485 p.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- LEVY, M. S. F. O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872 a 1972). São Paulo, **Revista de Saúde Pública**, v. 8 (suplemento), p. 49-90, 1974.
- MONTEIRO, Norma de Góes. **Imigração e Colonização em Minas 1889-1930**. Editora Itatiaia Limitada. Belo Horizonte/Rio de Janeiro, 1994. Vol. 188.
- PATARRA, Neide L. e BAENINGER, Rosana. Migrações internacionais recentes: o caso do Brasil. In: PATARRA, Neide (org.). **Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo**. São Paulo: FNUAP, 1995. v. 1 p. 79-87.
- SIQUEIRA, Sueli. A crise econômica nos EUA e o retorno à terra natal. In: __. **Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno**. Brasil/Estados Unidos. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.
- TRENTO, Ângelo. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração no Brasil**. São Paulo: Nobel, 1989.
- ZANINI, M. C. C. Literatura de descendentes: italianos no Rio Grande do Sul. In: PACELLI, Ademir *et al* (Orgs.) **A experiência migrante: entre deslocamentos e reconstruções**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. p. 39-52.

